



Rua Augusta - Imaginários Urbanos e Juvenis em São Paulo

Profa. Dra. Yara Schreiber Dines

Pesquisadora Associada do Grupo de Antropologia Visual - GRAVI/ USP

Professora do Bacharelado em Fotografia - Centro Universitário Senac

E-mail: yara_schreiber@uol.com.br

“ Podemos dizer que a relação entre cheios e vazios em uma cidade se iguala e se faz tão importante quanto em uma obra de arte, quando quer o artista fazê-la compreensível e assimilável,” (DIAS, 2002)

A Augusta viveu seu apogeu nas décadas 50 e 60, período em que abrigava algumas das lojas mais elegantes da cidade. Era a época em que os roqueiros cantavam Rua Augusta, de Hervé Cordovil (Entreí na Rua Augusta a 120 por hora...) (Veja São Paulo, 18/11/2009). Nos anos 70, ainda era freqüentada pelo público jovem, que desfilava com suas motos e carros. Foi o período em que surgiram as galerias, centros comerciais, bares, discotecas, docerias, academias de musculação e cinemas. Seu esplendor passou a ter menos luz ainda nesta época, com a criação dos shoppings. O público sofisticado rareou e o comércio perdeu a sua força. Houve uma renovação quando o cinema Espaço Unibanco foi inaugurado, em 1993. Em 2005, doze anos, após a vinda dos cinéfilos, grupos de jovens e boêmios mudaram o aspecto decadente.

A Rua Augusta vem passando por um processo de renovação urbana. A facilidade de acesso ao ônibus e ao metrô, além de bares, restaurantes e pontos de balada, que aí se localizam, começou a atrair jovens de diferentes grupo urbanos - como *vegans*, *emos*, a moçada do universo da moda e das artes, roqueiros, GLS, dentre outras turmas, compondo esta 'cena' noturna, cujos personagens convivem no mesmo espaço com mulheres da noite, dançarinas de strip-tease e vendedores ambulantes. Neste sentido, o Baixo Augusta – quadrilátero formado pela Avenida Paulista, Rua Augusta, Praça Roosevelt e Rua da Consolação - mostra-se como ponto de encontro, reafirmando seu



caráter boêmio, por atrair jovens de diferentes estratos sociais da metrópole, ainda mais por estar próximo ao Centro.

2011 - Maio, 22:00 horas/ 22:30 horas, sexta ou sábado, começam a chegar os primeiros freqüentadores da Rua Augusta, que tem como ponto de encontro a saída do Metrô Consolação ou mesmo a escadaria na frente do Banco Safra. Os jovens, na maioria na faixa entre os ‘sub-vinte’ ou até 25, 30 anos chegam sozinhos, ou mesmo em grupos, esperando mais conhecidos chegarem para descerem a famosa rua de São Paulo, que também já é conhecida por jovens de todo o país.

Por exemplo, Jessica Braga Chiganças, vinda do Recife afirma que, em sua cidade, “todo mundo sabia da Rua Augusta e da Avenida Paulista. “ Meus colegas que vêm para cá, querem vir primeiro para a Rua Augusta e a Avenida Paulista.”

A maior parte se produz antes de sair de casa, colocando uma roupa mais bonita, arrumando o visual *dread look*, os *emos* dando um toque em suas roupas e cabelo. Alguns colocam um chapéu diferente, uma echarpe, ou uma camisa xadrez e calça apertada como os *gays*, além do pretinho básico utilizado pelas meninas ou as vestimentas pretas usadas pelos meninos. Ou seja, a rua é vista como um espaço de desfile da diversidade, buscando-se compor um estilo forte de apresentação.

Grande parte dos jovens freqüentadores deste espaço foram introduzidos por algum amigo, sendo que há aqueles que começaram a ir lá desde os 15 anos, em 2006, quando a Rua Augusta já tinha ganhado o perfil descolado, que ainda existe por lá. É comum encontrar lá jovens que freqüentam este espaço há pelo menos quatro anos, uma vez por semana ou até mesmo o fim de semana inteiro.

Como conta Daniel Freire, 28 anos, freqüentador assíduo, soube “através de amigos, mais por curiosidade de saber como era a rua tão falada, por fazer parte do “submundo”: prostíbulos, drogas, pessoas de todos os cantos do quadrante da cidade - leste, sul, oeste e norte, pessoas, onde ‘parece’ que a polícia e a população pouco se importa com isto, e se se preocupam, é bem camuflado.”



Um traço descolado da Rua Augusta, atualmente, é uma forma de sociabilidade, marcante nesta região. Os frequentadores mostram-se abertos ao convívio e à sociabilidade com a presença de muitos grupos sociais urbanos, sendo comum os frequentadores serem abordados por um estranho, começarem a bater papo e ficarem conhecidos. Giovanna Rossi Ferragut, 19 anos comenta “sou fácil de fazer amizade. Já conheci muita gente lá. Tem um pessoal que acaba chamando para sair mais, pego o contato e me encontro lá.”

Assim é possível conhecer pessoas por lá, criando-se um vínculo de amizade ou só se encontrando na Rua Augusta. De acordo com Daniel Freire “parece que as pessoas que frequentam a região, falam a mesma linguagem.” Existe uma grande familiaridade dos jovens pelo ‘Baixo Augusta’, tanto é que muitas vezes vão sozinhos para lá, tendo a certeza que irão encontrar vários amigos ou conhecidos, ou seja, é uma rua com muitos pontos de encontro, que variam de acordo com o gosto e o perfil do frequentador, mas também há aqueles que vão para lá sem local definido. Francisco Evandro Sales Filho (Franz), 19 anos, outro frequentador assíduo, afirma que “nunca sofreu nada, de dia ou de noite.”

Daniel Freire conta que soube das baladas da Rua Augusta “através de amigos. Em relação ao contato com as pessoas na rua, afirma que não faço parte de tribo alguma, porém por ser calvo e raspar a cabeça, vejo alguns olhares estranhos em minha direção, supostamente por acharem que sou neo-nazista, mas isso por conta da região, onde se concentram esse tipo de tribo. Mas sou um cidadão neutro perante tribos.”

Os *skin-heads* vinham com mais frequência em 2008/2009, ficando na frente de alguns *points* e provocando briga. Em anos mais recentes, diminuíram as brigas e estes aparecem mais frequentemente, após às 2:00 horas da manhã.

Após comentar sobre a chegada e entrada na Rua Augusta, apresentarei a paisagem de lazer noturna da juventude, que ocupa esta rua e a importância e significados atribuídos a este espaço público. Botecos como o - Verde, Netão, Charme, BH, Ibotirama, Corujão, Matão, 24 HS e Del Gusta - são locais mais despojados, que apresentam as portas de entrada abertas, sendo alguns de esquina. São os denominados ‘balada seca’,



locais onde se consome R\$ 30,00 em média. Nestes bares se bebe muita cerveja e são os lugares onde se faz o famoso 'esquentá', para depois ir às baladas mais caras. O cigarro, a bebida e uma droga leve como a maconha atuam como parte de um ritual introdutório dos relacionamentos nestes *points*.

Em botecos como o Netão, e o Matão também não precisa pagar para entrar e no porão tem música variada, como música pop e hits dos anos 80. Na mesma altura, do número 2000, do outro lado da rua tem o bar 24 HS, que também é boteco e bilhar.

Em alguns destes botecos - na frente do Del Gusta e do Ibotirama - amontoam-se grupos de jovens heterossexuais e GLS, esperando os amigos e fazendo o 'esquentá'. Por sua vez, na frente do Del Gusta, assim como no Hotseria, ficam as lanchonetes e, na parte detrás, tem balada. Para Giovanna Rossi Ferragut, o Hotseria "é um lugar mais bacana, tem umas árvores dentro e grafites na parede. Um pouco de tudo. Tem gente da minha idade, até pessoal de 40 anos. Cada dia da semana tem um evento. Há a Terça Lúdica, quarta, é um som mais sexy, tem dança no *post-poly-dance*. A balada vai desde Kate Larry, Hip-Hop até música alternativa." No Hotseria como no Del Gusta há predominância do público GLS.

Nos amontoados na rua, sempre há aqueles jovens que buscam aparecer mais no pedaço - dando pulinhos e gritando, sendo engraçados, falando coisas indevidas, ou criando personagens para se destacar e se tornarem mais conhecidos dos frequentadores deste espaço de lazer e de encontro. Além disso, há palavras utilizadas neste circuito com significados diferentes do habitual, como no universo de outros grupos sociais, criando-se gírias - como defasar - pôr para fora, extravasar; brisa, 'brisando' - voando, no mundo da lua. Ou seja, estas formas de comportamento e mesmo de linguagem, conhecidas como "*populares do rollê*" nos *points* da Augusta atuam como um padrão de sociabilidade.

Em relação à comida oferecida neste espaço, também há fast-foods, como o Yoi! Rolls & Temaki e o Tollocos, especializados em comida mexicana, iguais aos de shopping-centers, que são locais frequentados, antes ou depois das baladas por aqueles que buscam um sabor diferenciado.



Thiago Lopes de Oliveira, 22 anos, saí para a Rua Augusta pelos menos duas vezes por semana, desde 2006. Considera a rua “ interessante. Você vai crescendo, evoluindo, lá, quando você tem 16 anos, tem uma idéia. Mas, lá, com 22 , você continua encontrando coisas, vários interesses, como a música.”

A música é realmente uma referência muito relevante para os agrupamentos que frequentam a Rua Augusta. Esta muitas vezes atua como forma de organização de identidades e estilos de vida. As identificações não representam somente escolhas simbólicas perante a grande oferta que a metrópole dispõe, mas são resultados de relações de indivíduos e grupos que estão em posições específicas no contexto de classes socioeconômico. Assim, os espaços de balada são referências importantes no contato entre indivíduos e na construção de gostos em diferentes baladas da cidade de São Paulo.

Um outro local bastante citado pelos freqüentadores - espaço fechado e pago - é o *Comedians*, em que se assiste aos *stand-ups*, por comediantes que fazem monólogos, utilizando-se também do improviso. Esta programação apresenta ligação com as Terças Insanas, realizada em outro pedaço da cidade, no bairro de Pinheiros.

Na etnografia em apresentação, passarei a detalhar mais os espaços noturnos freqüentados pelos grupos sociais juvenis, no intuito de configurar melhor aspectos desta ‘cena’ noturna. Na Augusta , do lado par de quem sobe a rua, encontramos uma loja típica de outras épocas, que é a Maurice Plas, cujo dono vende chapéus e boinas dos mais diferentes tipos, de fabricação própria. A Maurice Plas é como um símbolo de uma época áurea, quando a rua apresentava lojas elegantes para homens e mulheres de camadas mais abastadas.

Mais para cima, deste mesmo lado da rua, passa-se pelo Bar do Netão, já comentado, chegando-se ao bar Z Carniceria Há uns dois anos atrás, era um dos bares mais concorridos nos fins de semana. Apresenta um aspecto bem particular, pois como o nome já diz, procura lembrar o açougue que havia lá. Já na porta, visualiza-se esta diferença, pois as maçanetas são dois cutelos. Nas vitrines, ao lado da porta, vemos caveirinhas mexicanas e também correntes. Dentro do ambiente, foram mantidos os



azulejos azul piscina na parede, há reboco exposto e os garçons usam aventais como os de um açougue. Nas paredes, há ganchos pendurados de prender carne, caveira de touro, além de retratos e uma espingarda, dentre outras quinquilharias. É freqüentado por um pessoal que trabalha nas redondezas, indo até lá no happy-hour. Por outro lado, como é de se imaginar o povo *vegan* não é visto por lá, não se identificando absolutamente com o lugar.

Continuando a subir a rua, chega-se ao *Retrô Hair*, que fica aberto até de madrugada e servia, até dois anos atrás - uísque, cerveja e sucos aos clientes (Veja SP, 18/11/2009). É bastante utilizado pelos vários grupos de jovens freqüentadores da Augusta, ainda mais pelo horário exclusivo de seu funcionamento.

Depois se passa pelos botecos Ibotirama, Tapas Club e Yoi! & Rolls, que já foram comentados, mostrando a diversidade de espaços de lazer e sociabilidade, voltados para a ampla gama de jovens que percorrem a rua. O Tapas Club é decorado com sofás e luz baixa, sendo que o ambiente do bar e a balada formam espaços favoráveis à paquera.

A seguir, vemos a Endossa, uma loja coletiva em que novos estilistas e designers vendem suas criações. O espaço é todo aberto, passando-se de uma loja à outra sem separações, sendo possível achar ali de camisetas com estampas descoladas, vestidos com tecidos diferentes à bijouterias e enfeites para a casa.

Subindo novamente a Augusta, no sentido da Avenida Paulista, mas, observando desta vez no percurso, o lado direito, encontra-se o bar Inferno, muito citado pelos freqüentadores, por causa da proposta roqueira. Foi inaugurado em 2006.

Um pouco mais para cima, passa-se pelo Studio SP, que saiu da Vila Madalena para a Augusta, em 2008. Traz novos nomes da MPB, fazendo shows. Daniel Freire, conta que, “ internamente, tem uma pequena arquibancada de cimento para curtir o show que rola lá. Prefiro ir às segundas-feiras, quando rola Jazz. Não vou mais, por conta do trabalho, saio meia noite, todos os dias, da editora em que trabalho.”



O Vegas, é outro lugar muito citado pelos usuários da Augusta. Foi inaugurado em 2005, fazendo fama ao levar público do circuito Itaim-Bibi/Vila Olímpia para o centro. (Veja São Paulo, 18/11/2009). Para Daniel Freire, atualmente, “ o Vegas é uma balada, onde geralmente rola música eletrônica e o público é bem despojado. O som também varia. Nas segundas-feiras rola Hip-Hop e Black Music.” Conta que o local, já foi utilizado também como palco de teatro e como cenário de filmes.” Por sua vez, Thiago Lopes Oliveira ressalta que este bar “ atrai um público mais moderno e tem uma decoração focada em cassinos e cabarés. Possui pista de dança e *lounge* com sofás, além do espaço para shows ao vivo.”

Lá, perto fica o Teatro Augusta, teatro reinaugurado, em 1999, neste espaço da rua e que é freqüentado pelos jovens, mas também por um público de fora do ‘pedaço’, que vai às apresentações teatrais. Neste caso , percebe-se uma ligação com outro ‘pedaço’ já fora do ‘Baixo Augusta’, na frente da praça Roosevelt, formado pelos teatros e companhias ali existentes, como o do Parlapatões, os Satyros e outros, que também fazem teatro de improviso e aonde se assiste *performance*.

Um pouco mais para cima, encontra-se o bar Saravejo. Possui uma porta estreita no sobrado, por onde passam alternativos que apreciam jazz, soul e funk. Daniel Freire, que frequenta o espaço há mais tempo, conta ”antes, era destinado aos *rastafáris* e aos *skatistas*, com cerveja barata. Agora, o preço aumentou um pouco, mas é uma das casas mais aceitáveis da região para quem está no final do mês e quer se divertir. Pois, o povo, que frequenta lá, agora, faz parte de outra classe social. Acho que o dono enxergou tal mudança e aproveitou para mexer no preço. Tinha uma biblioteca lá, em cima, onde se podia beber e ler qualquer tipo de livro na balada, mas, agora não tem mais e sim um brechó, no local. “ Para Giovanna Rossi Ferragut, “ o bar é legal. Toca mais Rap, Reggae, Hip-Hop, atualmente. Todas as paredes tem grafite. É mais apertado. O público é variado, jovem. Começa a encher depois da meia noite. “ Ali, também são realizadas exposições frequentemente, como conta Thiago Lopes Oliveira..

Mais para cima , situa-se “ O Pedaço da Pizza” , ao lado do Complexo de Cinemas do Unibanco. Este lugar é conhecido, pois nas madrugadas de sexta e sábado, quando



funciona até as 5 horas, fica lotado de jovens que forram o estômago, após a balada. (Veja São Paulo, 18/11/2009). Para Thiago Lopes Oliveira, “O Pedaco da Pizza apresenta uma decoração agradável, oferece uma diversidade de sabores de pizzas doces e salgadas para aqueles que se jogaram na noite de São Paulo e não querem perder muito tempo com a alimentação, sem perder a qualidade.”

Um outro aspecto salientado pelos usuários da Augusta, é a presença dos ambulantes, que são vistos de forma positiva, pois estão sintonizados com a moçada que frequenta a rua. Vendem de cachorro-quente, churrasquinho, à bebidas e DVDs, ao gosto dos usuários.

Após apresentar a rua enquanto espaço físico e cujo uso em si é muito valorizado e passa por diferentes formas de apropriação urbana e de sociabilidade, irei comentar um outro aspecto, que também é tema de debate na região - a violência. Em relação à questão da violência, a fala dos jovens reconhece a existência da situação, mas não se sentem muito tolhidos por esta. Por exemplo, Giovanna Rossi Ferragut afirma “ há violência, o cara jogou uma cadeira na porta do bar Vitrine. Briga, porque bebe, por mulher”. Já Thiago Lopes Oliveira afirma “ São Paulo é violento. Está na cabeça das pessoas. Nunca aconteceu nada comigo.” Já para Jessica, fica claro pela sua fala, que é necessário conhecer as regras deste espaço para não ser atingido pela violência. Conta “ já fui abordada duas vezes, Mas não podem fazer nada com você. Tentam a sorte. Os ´de fora´ são vulneráveis, não conhecem o código.” Ela afirma que, se você conhece os códigos internos do pedaco, como enfrentar trombadinhas, conversando com eles e dizendo não ter nada, estes caem fora logo, pois sabem que você é do ´pedaco´.”

Comentando mais detalhadamente sobre os usos e formas de apropriação da rua, há jovens que apreciam muito a rua em si pela diversidade social, formas de utilização e pela liberdade que oferece. Por exemplo, Franz considera que “a rua é o mais interessante. Gosto, quanto mais misturado melhor. As pessoas ficam mais abertas, mais livres.” Ou, como Jessica considera “ gosto da situação, as pessoas se socializam, pedem isqueiro, as pessoas são bem abertas. Lá, dá para ser outra pessoa – me libertar, sair do habitual. Há uma inconstância - as relações não são sempre as mesmas, tem



gente nova. “ Também considera como outros jovens entrevistados, que há “diversidade sexual, mundos diferentes, sem preconceitos.” Por sua vez, Thiago Lopes Oliveira compartilha do ponto de vista dos entrevistados acima, quando comenta sobre a rua “é legal, vou com os amigos, troco bastante informações, reencontro pessoas. Tem bastante diversidade musical, sexual.”

Giovanna Rossi Ferragut comenta as suas impressões sobre a Rua Augusta “ sou fácil de fazer amizade. Já conheci muito gente lá. Tem um pessoal que acabo chamando para sair mais, pego o contato e me encontra lá.” Ressalta vou lá para se divertir, (a rua) me marcou muito. Tive problemas pessoais e (a rua) me deu uma levantada. Para Nicolas Tadeu Pinheiro Gonzaga Leite “ os jovens vão para a Augusta para se divertir, esquecer os problemas familiares, é como uma espécie de fuga. A juventude quer se divertir hoje, viver o que podem”. Nestes depoimentos sobre as impressões e a vivência neste espaço algumas palavras chamam a atenção - diversidade social e sexual, diversão, exagero e liberdade.

Isabel Nassif Cytrynowicz ressalta “ a Augusta do Centro é um lugar freqüentado por diversos tipos de pessoas, de diferentes classes sociais, profissões, idades. Acho que essa é uma de suas virtudes: está ao alcance de todos, tem opções para todos, pode ser usufruída por todos. É uma rua democrática.” (CYTRYNOWICZ, 2008, 16)

Neste sentido a matéria do psicólogo Jairo Bouer, “‘Baixo Augusta’ é palco de convivência pacífica” (*Folhateen*, 21/02/2011, 8), apesar de ser bastante sintética expressa o *ethos* da região “ o que mais chama a atenção é, de fato, o palco que se abre para as diferenças. Meninas com meninas, meninos com meninos, meninos com meninas, trans das mais diversas possibilidades, todo mundo passeando, bebendo, comendo, se divertindo sem se importar muito com o que o casal ao lado faz ou deixa de fazer.” Como se vê termos essenciais presentes nesta `cena`, como a diversidade social e sexual, estão na matéria, captando o clima deste ´pedaço´.

As ´cenas´ indicam fronteiras de esferas simbólicas, nas quais os jovens realizam suas práticas sociais, encontram os conhecidos, sem estabelecerem relações permanentes necessariamente, ou formarem grupos permanentes. Tais ´cenas´ relacionam-se com a



organização de um discurso que gera a marcação de fronteiras simbólicas ou signos de fronteira. A partir deste ponto de vista, as diversas formas de identidades não são únicas ou unificadas, mas construídas de modo múltiplo no decorrer de discursos, atuações e posições que podem se alinhar ou serem díspares, estando situadas no eventual e constituindo canais para a atuação política. Para Nicolas Tadeu Pinheiro Gonzaga Leite, a Augusta “passa uma imagem sem preconceitos, de busca de identificação.”

Estas ‘cenas’ se diferenciam e se complementam, só existindo em contraste, porém também abrangem espaços de interação e contato, de vivências conjuntas de códigos e valores.

A ‘cena’, ainda que compartilhe com o circuito um aspecto de independência perante a proximidade espacial, seu sentido é mais amplo pois, expõe principalmente, ações e escolhas estéticas e politizadas, organizadas nos e pelos circuitos. Se os circuitos são constituídos por “equipamentos, instituições, eventos”, a ‘cena’ é formada pela somatória de comportamentos e pela esfera de significados mostrados e mantidos pelos freqüentadores dos lugares com os quais mantém afinidade nos circuitos. Ou seja, pode-se ser freqüentador do circuito, mas integrar tal ou qual ‘cena’. Em outras palavras, um é perceptível na paisagem, enquanto o outro se expõe nas atitudes.

É importante enfatizar que o Baixo Augusta apresenta-se como um ponto de encontro de várias redes de sociabilidade, que se disseminam por outros espaços e eventos na metrópole. Trata-se de uma instigante referência da inserção visível de grupos sociais juvenis na paisagem da cidade.

Estes grupos sociais ou agrupamentos que se formam na ‘coincidência’ de seus trajetos pela cidade, em lugares que não são freqüentados de forma aleatória, ao inverso, são definidos muito cuidadosamente, sendo constituídos por espaços simbolicamente bem escolhidos e criando circuitos reconhecidos.

Em relação à etnografia apresentada no decorrer deste texto, é importante afirmar que a categoria de circuito abrange as outras noções. Pois, os grupos sociais não podem ser considerados de modo autônomo, fechados em si, ou delimitados a algumas áreas, pois



nos trajetos pela cidade criam uma rede ampla de interações e contatos. É deste modo que se apresenta a dinâmica dos circuitos de jovens - nem totalmente disseminados ou isolados, nem desconectados (MAGNANI, 2007).

Os atores sociais urbanos destacados, utilizam e se apropriam da cidade, usando os equipamentos urbanos conforme normas e valores, que se baseiam em escolhas muito determinadas.

No caso dos frequentadores da Rua Augusta, também vejo a existência de 'enlaces', como destaca Magnani, em *Jovens na Metrópole - etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade* (2007). Pois estes podem ser entendidos como os locais aonde se articulam circuitos diferentes. É o caso da Estação Consolação e da escadaria do Banco Safra, aonde os grupos diferenciados de frequentadores esperam para descer a Rua Augusta. Há um 'enlace' entre diferentes grupos sociais, sendo que cada um valoriza e se sintoniza com o seu pedaço. " Todos têm os seus próprios circuitos, mas circulam - com os devidos cuidados - por *points* de outros grupos que funcionam como nós de uma rede mais ampla: são trajetos conhecidos, podendo até haver 'treta' em razão de presença não desejada ou inoportuna em pedaços de outros (2007: 249).

O termo *point* é utilizado sempre que se busca referir a um único equipamento, em geral grande e ocupado por vários grupos, atuando como 'enlace' entre eles, "como a Galeria do Rock, a Galeria Ouro Findo, o Centro Cultural São Paulo, o Sesc Pompéia, a Estação Conceição do Metro etc." (MAGNANI, 2007). No caso da Rua Augusta também percebemos o uso desta noção para botecos como Bar do Netão, Ibotirama, Inferno, Vitrine e Vegas, que são os locais aonde os grupos de jovens se amontoam, no intuito de esperar os amigos para a noite.

A criação de novos bares e de casas de shows, inclusive alguns vindo da Vila Madalena, acompanhando o movimento e o fervilhar da moçada notívaga que frequenta a Augusta, vem conduzindo uma revitalização do bairro, de modo 'relativamente' espontâneo mais pela parte do poder privado, do que do poder público. A mudança do aspecto da Augusta é uma referência positiva do processo de revitalização do centro. Diferentemente de



outras áreas, como a Luz e República, há pessoas circulando e trafegando pela rua o dia inteiro.

Por outro lado, com a vinda dos jovens, algumas questões ficaram mais evidentes como o trânsito, que nunca foi bom. No final do dia, há uma circulação enorme de carros, que dividem as faixas com as frotas de ônibus. E, durante os fins de semana há carros estacionados, nos dois lados da rua, piorando a situação.

Com a relevância do uso da rua, que apresenta uma diversidade social e cultural marcante, seria muito apropriado transferir o trânsito para as grandes vias em paralelo, oferecendo assim para os usuários mais liberdade para o uso democrático, que fazem deste espaço na área central.

A etnografia apresentada busca fazer um exercício no sentido de recorte e diferenciação de uma antropologia urbana e visual.”A proposta é observar tanto os atores sociais com suas particularidades (determinações estruturais, símbolos, sinais de pertencimento, escolhas, valores, etc) quanto o espaço com o qual interagem - mas não na qualidade de mero cenário e sim como produto da prática social acumulada desses agentes, e também como fator de determinação social de suas práticas, constituindo, assim, a garantia (visível, pública) de sua inserção no espaço. “ (MAGNANI, 2007, 19)

Cabe ressaltar que, após a apresentação da etnografia realizada sobre a Rua Augusta e a construção da análise de algumas categorias, a partir do trabalho de campo, é na leitura visual do blog denominado Augustasp, coordenado por mim e realizado por alunos do Bacharelado em Fotografia, do Centro Universitário Senac, que teremos um contato mais próximo com a multiplicidade de imaginários urbanos sobre esta ‘cena’, pedaço e circuito da cidade de São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Helena W. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Ed. Scritta, 1994.



ABREU, Carolina de Camargo. Galeria Ouro Fino: a mais descolada da cidade. MAGNANI, José G e SOUZA, Bruna Mantese. *Jovens na Metrópole. Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2007.

AMARAL, Rita de Cássia. *Povo-de-santo, povo-de-festa. Estudo antropológico do estilo de vida dos adeptos do candomblé paulista*. Dissertação de Mestrado, USP, 1992.

_____. *Festa à brasileira - sentidos do festejar no país que 'não é sério'*. São Paulo: Ed e-Books Brasil, 1998.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

BARTH, Frederick. Os grupos étnicos e suas fronteiras. PUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Joceline. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

BOUER, Jairo. 'Baixo Augusta' é palco de convivência pacífica. São Paulo: *Folhateen*, 21/02/2011, p. 8.

BOURDIEU, Pierre. 'Gostos de classe e estilos de vida'. ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. (Grandes cientistas sociais, 39)

CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade: A invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

CALDEIRA, Teresa. *Cidade de muros: segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp Editora 34, 2000.

CALIL, Marinês. *A aventura de um estilo: um pequeno estudo dos 'fashions clubs' do gênero 'dance music' nacional*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Dissertação de Mestrado, USP, 1994.

_____. "O retrato do Nation Disco Club: os neo dândis no final dos anos 80". MAGNANI, José Guilherme & TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000, pp. 196-229.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos mundiais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.



- COSTA, Roaleno. *Graffiti no contexto histórico social, como obra aberta e uma manifestação de comunicação urbana*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: ECA, USP, 1994.
- CYTRYNOWICZ, Isabel Nassif. *Duas Augustas*. São Paulo: TCC, Escola da Cidade, 2008.
- DIAS, Fabiano. Vitória: a cidade, seus vazios, seus significados. 2002. <http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc058/mc058.asp>
- DURHAM, Eunice. “A dinâmica cultural na sociedade moderna”.
_____. *A dinâmica da cultura*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- FEATHERSTONE, M. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FRUGOLI JR, Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociação na metrópole*. São Paulo: Cortez/Edusp, 2000.
- _____. *São Paulo: espaços públicos e interação social*. São Paulo: Marco Zero, 1995.
- GEERTZ, Clifford. *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001.
- _____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Trad. Vera Mello Josceline. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALL, Stuart. “Quem precisa de identidade?”. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HERSCHMANN, Micael (org.). *Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MAGNANI, José G e SOUZA, Bruna Mantese. *Jovens na Metrópole. Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.
- _____. Tribos urbanas: metáforas ou categoria? *Cadernos de Campo*, v. 2, n. 219. _____. Da periferia ao centro (pedaços & trajetos). *Revista de Antropologia*. São Paulo: v. 35, 1992, PP. 91-203.



_____. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. MAGNANI, José G. & TORRES, Lilian de Lucca (orgs). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996.

_____. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.” São Paulo: *RBCS*, v. 17, n. 49, jan. 2002. f

PEIRANO, Mariza. “Antropologia no Brasil (alteridade contextualizada)”. MICELI, Sérgio (org). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*, v. 1. Antropologia. São Paulo: Editora Sumaré/Anpocs, 1999.

ROMANI, Giovana e BATISTA Jr, João. A 120 POR HORA. *Veja São Paulo*. São Paulo, 18/11/2009.

SOUZA, Bruna Mantese de. *Os straight edges e suas relações com a alteridade na cidade* de São Paulo. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH USP, 2005.

VELHO, G. & KUSHNIR, K. (orgs.) *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura. *Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

VIANNA, Hermano, (org.). *Galeras cariocas: território de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

TOLEDO, Marleine M. Ferreira de (org.). *Cultura brasileira. O jeito de ser e de viver de um povo*. São Paulo: Nankin Editorial, 2004.

ENTREVISTAS ABERTAS

Daniel Freire

Francisco Evandro Sales Filho

Giovanna Rossi Ferragut

Jéssica Braga Chiganças

Nicolas Tadeu Pinheiro Gonzaga Leite

Thiago Lopes de Oliveira